

Estudos da Língua(gem)

A citação da palavra de outrem em artigos de opinião: a variação linguística em foco

La citation du discours de l'autre dans les articles d'opinion: la variation linguistique en question

Rosângela Nogarini HILÁRIO*

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

– ARARAQUARA (UNESP/BRASIL)

FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DE SÃO PAULO

Marina Célia MENDONÇA*

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

– ARARAQUARA (UNESP/BRASIL)

Alessandra DEL RÉ*

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

– ARARAQUARA (UNESP/BRASIL)

RESUMO

Este artigo visa analisar as relações entre língua e poder implícitas nos discursos veiculados pela mídia escrita brasileira, em seu embate com o discurso científico, a partir da polêmica sobre os exemplos de variação linguística, presentes no livro didático *Por uma vida melhor*. Partimos das reflexões de Bakhtin e do Círculo sobre língua(gem). O *corpus* é composto pelos

*Sobre as autoras ver página 67

textos do jornalista Reinaldo Azevedo, publicados no site da revista *Veja*, no mês de maio de 2011. Pretendemos demonstrar que a forma como a palavra de outrem é citada não é aleatória, mas indica uma adesão ou não ao discurso alheio.

PALAVRAS-CHAVES: Polêmica. Variação linguística. Círculo de Bakhtin. Citação da palavra do outro. Artigos de opinião.

RÉSUMÉ

*Cet article vise à analyser les relations entre la langue et le pouvoir, implicites dans les discours véhiculés par les médias écrits brésiliens en confrontation au discours scientifique, au sujet de la controverse sur les exemples de variation linguistique qui ont été présentés dans le livre didactique *Por uma vida melhor*. Nous nous basons sur les réflexions de Bakhtine et du Cercle. Le corpus est composé par des textes du journaliste Reinaldo Azevedo publiés sur le site du magazine *Veja* en mai 2011. Nous cherchons à démontrer que les citations ne sont pas faites de manière aléatoire. Au contraire, elles traduisent l'adhésion ou non au discours de l'autre.*

MOTS-CLE: *Polémique. Variation linguistique. Cercle de Bakhtine. Citation du discours de l'autre. Articles d'opinion.*

1 Introdução

Se, assim como Bakhtin e Voloshinov (1992, p. 66), entendemos que “cada palavra se apresenta como uma arena em miniatura onde se entrecruzam e lutam os valores sociais de orientação contraditória”, o que dizer quando essa “miniatura” se maximiza, tornando-se o palco onde a atividade metalinguística desencadeia o embate ideológico que constitui língua e discurso? É nessa arena que se instaura a polêmica que pretendemos abordar, quando o *falar a língua* é entendido como *falar a norma*¹.

¹ Como veremos mais adiante, o fato de não haver consenso a respeito do conceito de *norma* no caso da produção oral (há um choque entre o que impera no senso comum (uma confusão com relação à norma linguística, norma culta e norma padrão) e o que se aplica aos estudos linguísticos) faz com que o embate se instaure, caracterizando a polêmica.

Neste artigo, procuramos pôr em foco a discussão sobre o tema da variação linguística, presente no livro didático *Por uma vida melhor* (RAMOS, 2009), a partir do relevo dado pela mídia escrita brasileira no ano de 2011. O *corpus* selecionado é composto pelos textos do jornalista Reinaldo Azevedo, divulgados em seu *blog*, hospedado no site da revista *Veja*, no mês de maio de 2011, e será analisado à luz das reflexões de Bakhtin e do Círculo sobre língua(gem) (BAKHTIN (VOLOSHINOV), 1992, 1981; BAKHTIN e MEDVEDEV, 1991; BAKHTIN, 2006).

2 Fundamentação teórica: dialogismo, vozes sociais e a inevitável atitude responsiva

Partimos do pressuposto de que a língua(gem) é, por natureza, dialógica. Sendo assim, não pode ser entendida fora do fluxo da comunicação verbal, como produto acabado, mas como algo que se constitui continuamente dentro da corrente comunicativa. A enunciação é, portanto, parte do diálogo, isto é, de um processo de comunicação ininterrupto. A fala (o discurso) não é tida como individual e inédita, mas como apropriação, reformulação e reiteração da fala do outro. Há um jogo de vozes sociais que repercutem na enunciação e no significado - que também é construído socialmente. O enunciado tem, portanto, uma natureza social e dialógica, carregando consigo significados socialmente construídos.

Para o Círculo, todo signo reflete e refrata a realidade, isto é, não apenas descreve o mundo, mas cria diversas interpretações do mesmo. Os signos não são unívocos (monossêmicos); só podem ser compreendidos em sua natureza plurívoca (multissêmica). As significações não estão no signo em si, mas são construídas histórica e socialmente, sendo marcadas pelos grupos humanos e seus interesses sociais. Não há, portanto, enunciados neutros; os sistemas ideológicos constituídos são expressos através de palavras.

Sendo assim, enunciar, mais do que dominar um sistema de códigos, significa adentrar no universo (ou “esfera social”, de acordo com Bakhtin e Medvedev, 1991) que delinea e modela o uso da língua.

[...] it is constantly necessary to keep in mind all the social characteristics of the communicating groups and all the concrete complexity of the ideological horizon – concepts, beliefs, customs, etc. – within which each practical utterance is formed². (BAKHTIN; MEDVEDEV, 1991, p. 93).

Nesta perspectiva, não há palavra proferida que não carregue consigo a marca da alteridade. Não se trata, como dissemos, da apropriação passiva do discurso de outrem, mas da forçosa atitude responsiva que cada enunciado evoca. Entendemos que cada enunciado possui, então, uma orientação dupla: ele é resposta a todos os que o precederam e, ainda, aos que o sucederam. Isto porque, de acordo com Bakhtin (2006), o discurso não está encerrado no momento em que é proferido, mas é constituído na grande temporalidade, isto é, em uma *memória do passado*, mas também na antecipação de uma resposta, ou *memória do futuro*.

Embora entendamos que a alteridade é constitutiva de qualquer discurso produzido, de qualquer enunciado proferido, essa *voz do outro* pode apresentar-se de forma mais ou menos explícita. Nesse sentido, Bakhtin e Voloshinov (1992) propõem uma reflexão acerca do discurso citado. Os autores conceituam-no, afirmando que “o discurso citado é *o discurso no discurso, a enunciação na enunciação*, mas é, ao mesmo tempo, um *discurso sobre o discurso, uma enunciação sobre a enunciação*” (p. 147), e apontam para duas orientações principais: na primeira, a tendência fundamental da reação ativa ao discurso de outrem pode visar à conservação de sua integridade e autenticidade; na segunda, a língua elabora meios mais sutis e versáteis para que o autor infiltre rélicas e comentários no discurso de outrem. Sabemos que, ao propor a análise do discurso citado, Bakhtin e Voloshinov tinham como *corpus* obras literárias, e o foco era a narrativa. No entanto, como os próprios autores pontuam, não é possível alcançar o entendimento de um enunciado poético sem antes analisar certos aspectos dos enunciados verbais fora do campo

² É necessário ter em mente todas as características sociais dos grupos de comunicação e toda a complexidade concreta do horizonte ideológico – conceitos, crenças, costumes, etc. – dentro dos quais cada enunciado prático é formado (tradução nossa).

da arte, já que neles “já estão embutidas as bases, as potencialidades da vida artística” (BAKHTIN e VOLOSHINOV, 1981, p. 4).

Assim, procuramos ressaltar em nossa análise a presença da alteridade na constituição do discurso. Como veremos, *eu* e *outro* não se confundem; há um constante embate, e mesmo quando aquele que enuncia se apropria da palavra de outrem, seja para citá-la, seja para parafraseá-la, há uma espécie de “linha invisível” que demarca o lugar de onde se enuncia. Assim, os mesmos termos ganham novos significados, fruto da demarcação ideológica fortemente presente nos textos analisados.

3 As polêmicas em torno da língua: *ah, essa língua... ou, que língua é essa?*

As polêmicas em torno da língua materna (e do ensino de língua materna) são temas sempre presentes no cenário nacional brasileiro. Uma das mais expressivas deu-se ao final da década de 90, com o projeto de lei do então deputado Aldo Rebelo, que previa a restrição do uso de palavras estrangeiras e a obrigatoriedade do uso da língua portuguesa por brasileiros natos e naturalizados e pelos estrangeiros residentes no Brasil há mais de um ano. A polêmica, na época, trouxe à tona o que chamamos de *luta pelo direito de dizer a língua do país* (MENDONÇA, 2007). Essa luta evidencia *lugares de dizer a língua*, de onde enunciam escritores, gramáticos e linguistas. O linguista, por sua vez, é alvo de uma desvalorização no cenário nacional, no diálogo com a escola e a mídia.

É possível que essa reflexão possa ser deslocada também para a recente polêmica sobre variação linguística e os padrões de concordância/não concordância de número na produção oral. Podemos citar os estudos de Scherre (1988) e Scherre e Naro (1998, 2006) como os mais expressivos nessa área. O tema da variação linguística é o foco dos trabalhos destes autores e também de Bagno (1999), entre outros. No entanto, a voz da academia não se confunde, nesse caso, com a voz da escola ou da mídia, já que o que se preconiza (e o que se espera) nas instituições de ensino é a *difusão da norma-padrão* (muitas vezes entendida

como sinônimo de *norma culta*) e não a *reflexão sobre a língua*. É nesse ponto que, segundo Bagno, a escola reforça o que o autor chama de *círculo vicioso do preconceito linguístico*.

[...] Esse círculo vicioso se forma pela união de três elementos [...] a *gramática tradicional*, os *métodos tradicionais de ensino* e os *livros didáticos*.

Como é que funciona esse círculo? Assim: a gramática tradicional inspira a prática de ensino, que por sua vez provoca o surgimento da indústria do livro didático, cujos autores – fechando o círculo – recorrem à gramática tradicional como fonte de concepções e teorias sobre a língua. (BAGNO, 1999, p. 93-94)

Nesse ponto acreditamos ser importante fazer referência aos conceitos de *norma linguística*, *norma culta* e *norma-padrão*. Segundo Faraco (2002, p. 38), “[...] os grupos sociais se distinguem pelas formas de língua que lhes são de uso comum. Esse uso comum caracteriza o que se chama de a *norma linguística*.”

Como a respectiva norma é fator de identificação do grupo, podemos afirmar que o senso de pertencimento inclui o uso da forma de falar característica das práticas e expectativas linguísticas do grupo. Nesse sentido, a norma, qualquer que seja, não pode ser entendida apenas como um conjunto de formas linguísticas; ela é também (e principalmente) um agregado de valores socioculturais articulados com aquelas formas (FARACO, 2002, p. 39).

A *norma culta* é, assim, entendida como

[...] designando a norma linguística praticada, em determinadas situações (aquelas que envolvem certo grau de formalidade), por aqueles grupos sociais mais diretamente relacionados com a cultura escrita, em especial por aquela legitimada historicamente pelos grupos que controlam o poder social (FARACO, 2002, p. 40).

Se não há povo sem cultura, o adjetivo *culta* estaria, então, delimitando certa dimensão de cultura, isto é, a cultura escrita. A *norma-padrão*, por sua vez, é resultado de uma busca por estabilização linguística e neutralização das variações dialetais. Mesmo que não se confunda com a norma culta, podemos dizer que a *norma-padrão* está mais próxima desta do que das demais.

É importante ressaltar que, embora a gramática normativa ainda impere no senso comum como sinônimo do “bom português”, os Parâmetros Curriculares Nacionais incorporam – ao menos em teoria – as discussões sobre língua e ensino de língua levantadas pela academia, como podemos observar no trecho abaixo:

A nova crítica do ensino de Língua Portuguesa, no entanto, só se estabelecerá mais consistentemente no início dos anos 80, quando as pesquisas produzidas por uma linguística independente da tradição normativa e filológica e os estudos desenvolvidos em variação linguística e psicolinguística, entre outras, possibilitaram avanços nas áreas da educação e psicologia da aprendizagem, principalmente no que se refere à aquisição da escrita. Este novo quadro permitiu a emergência de um corpo relativamente coeso de reflexões sobre a finalidade e os conteúdos do ensino de língua materna (BRASIL, 1998, p. 17).

Isso se reflete, ainda que de forma pouco significativa, em uma inserção do tema da variação linguística nos livros didáticos, como aponta Coelho (2007). A autora, ao analisar o tratamento da variação linguística nos livros didáticos de Língua Portuguesa aprovados pelo MEC para o Ensino Médio, constata que as fichas de avaliação do material trazem questões que incidem diretamente sobre o tema (por exemplo: “A variação linguística é vista como constitutiva da natureza das línguas humanas ou, ao contrário, como um ‘problema?’” e “Como são tratadas as noções de ‘certo’ e ‘errado?’ São relativizadas, tomando-se como referência um padrão de língua sócio-historicamente constituído? Ou são tidas como absolutas e definitivas?”). Ressalta, ainda, que há uma crescente preocupação dos autores/editores em adequar o material didático aos

critérios estabelecidos pelo edital do Programa Nacional do Livro para o Ensino Médio – PNLEM. No entanto, como veremos, embora haja esforços para que os mitos sobre a língua sejam desarraigados, o senso comum, que reforçado pela grande mídia brasileira, direciona a memória coletiva, ainda parece impedir que reflexões mais aprofundadas tomem o lugar do autoritarismo linguístico dentro da escola.

Este é, portanto, o cenário no qual se insere a polêmica a que nos referimos, contextualizada a seguir.

4 Contextualizando: o capítulo introdutório de *Por uma vida melhor*

A polêmica sobre a qual versa o *corpus* aqui selecionado tem em primeiro plano o livro didático *Por uma vida melhor* (RAMOS, 2009) destinado aos alunos da EJA (Educação de Jovens e Adultos). O capítulo introdutório, que tem como título *Escrever é diferente de falar*, traz uma reflexão sobre as possibilidades de concordância de número no português brasileiro, com os seguintes exemplos (p. 15):

*Os livros ilustrados mais interessantes estão emprestados.
Os livro ilustrado mais interessante estão emprestado.*

De acordo com o livro didático, o primeiro exemplo está formulado segundo a *norma culta* da língua; o segundo exemplo é representativo da *variedade popular*. Faz-se, ainda, menção ao *preconceito linguístico*, afirmando que “muita gente diz o que se deve e o que não se deve falar e escrever, tomando as regras estabelecidas para a norma culta como padrão de correção de todas as formas linguísticas” (RAMOS, 2009, p. 15).

Esse trecho foi amplamente divulgado pela grande mídia brasileira, que levantou questionamentos sobre o ensino de Língua Portuguesa arquitetado pelos livros didáticos. Aos poucos, autores, professores, linguistas, jornalistas, gramáticos e o próprio ministro da Educação posicionaram-se, e a discussão foi ampliada: o tema da variação linguística tornou-se, então, a ponte para discussões de natureza política/partidária

e acadêmica, entre outras. Nesse contexto, as relações entre língua e poder ganharam relevância, e o preconceito linguístico, denunciado pelo livro didático, acentuou-se nos discursos que a ele se referiam.

Feita esta breve contextualização, passemos, então, ao *corpus* e às análises.

5 Metodologia, análise do *corpus* e discussão: *polemizando a polêmica*

A princípio, o *corpus* selecionado para análise foi constituído por 10 textos extraídos do blog de Reinaldo Azevedo, hospedado no site da *Veja*, no mês de maio de 2011. A seleção foi feita utilizando a ferramenta de busca presente no site. Assim, todos os textos que se referiam ao livro didático *Por uma vida melhor* foram elencados. Dois deles, no entanto, eram reproduções de textos de outros autores: o texto intitulado *Procuradora da República prevê ações contra uso de livro com erros pelo MEC; autora se defende* era a reprodução do artigo de Adauri Antunes e Demétrio Weber³, publicado no jornal O Globo, e o texto intitulado *Para presidente da ABL, livro adotado pelo MEC valida erros grosseiros; entidade emite nota de protesto* era a reprodução de um artigo de Dandata Tinoco⁴, ambos publicados no jornal O Globo em 16/05/2011 e reproduzidos por Reinaldo Azevedo em seu blog em 17/05/2011. Como os textos haviam sido reproduzidos na íntegra, apenas com o acréscimo dos termos *Gramática diferenciada 1* e *Gramática diferenciada*² aos títulos originais, optamos por excluí-los da análise. Sendo assim, temos 8 textos de autoria do jornalista Reinaldo Azevedo.

Ressaltamos aqui que esses textos não são entendidos como fruto de uma produção individual, mas são, para nós, representativos de uma sintaxe que se instaura no discurso. Eles trazem – por vezes, de maneira literal – trechos de entrevistas da autora do livro didático, de linguistas e de gramáticos. Por esse motivo, consideramos que o *corpus*, por si só, é representativo das vozes sociais que foram articuladas em torno do tema.

³ Endereço eletrônico <http://oglobo.globo.com/educacao/procuradora-da-republica-preve-aco-es-contra-uso-de-livro-com-erros-pelo-mec-autora-se-defende-2789080>

⁴ Endereço eletrônico <http://oglobo.globo.com/educacao/para-presidente-da-abl-livro-adotado-pelo-mec-valida-erros-grosseiros-2789082>

O primeiro texto, uma espécie de introdução aos demais, tem como título “O pobrismo’ é um fascismo! Ou: o livro que tenta destruir a Língua Portuguesa. Com apoio do MEC!”. Nele o autor define o que intitula como “pobrismo” para, em seguida, articular o termo ao que ele entende ser “a clara apologia da destruição da norma culta da língua”. Vejamos:

Essa doença moral [o “pobrismo”] não se traduz por amor aos pobres, é evidente! Ao contrário: só é “pobrista” quem tem uma vida confortável, gozando de todas as benesses da “elite”. Esse valente entende que o povo tem o seu lugar — e o “lugar” do povo não é misturado à gente culta que idolatra o “pobrismo”. O pobre, como já escrevi, seria uma variante antropológica que tem de ser conservada e tolerada em nome da diversidade. O “pobrista” é, antes de tudo, um fascista moderado nos meios.

O pobrismo já adudou a “cultura” do funk no Rio, é fascinada pelo rap da periferia de São Paulo e está certa de que os bandidos são uma invenção da classe média reacionária só para discriminar os humildes. Os bandidos, no fundo, são rebeldes cheios de poesia. Muito bem! O pobrismo, como não poderia deixar de ser, chegou também à educação. E não é de hoje. Um livro didático de língua portuguesa chamado “Por Uma Vida Melhor”, da coleção “Viver, Aprender” (Editora Global), sob o pretexto de debater variantes lingüísticas com os alunos, faz a clara apologia da destruição da norma culta da língua (AZEVEDO, 2011a).

O autor inicialmente relaciona o que chama de “pobrismo” a uma defesa da marginalidade, ironizando ao dizer que “os bandidos são rebeldes cheios de poesia”. Pode-se perceber em seguida, como se verá de forma mais explícita mais adiante, uma alusão ao imaginário coletivo, que entende a língua (restrita à *norma culta*) como objeto pronto e acabado, podendo, assim, ser destruída e vandalizada. De semelhante forma, Azevedo introduz o termo “delinquência intelectual” no título de outro texto (AZEVEDO, 2011d), no qual critica um representante do Ministério da Educação que declarou que os livros didáticos não seriam recolhidos.

As variedades linguísticas são nomeadas como “erro” (as aspas são nossas) e concebidas como sinônimo de ignorância. A menção às mesmas no livro didático são entendidas, no texto de Azevedo, como um posicionar-se contrariamente à norma culta. A palavra do outro (no caso, a incorporação do nome do livro didático ao enunciado) é parafraseada, causando um novo efeito de sentido.

Terá certamente **uma vida melhor** o aluno que dominar o instrumental da norma culta da língua, contra o qual o livro se posiciona abertamente. Assim, esse “instrumento didático” que conta com o endosso do MEC, se algum efeito tiver, será no sentido de piorar a vida do estudante; na melhor das hipóteses, contribui para mantê-lo na ignorância (AZEVEDO, 2011b, grifo nosso).

O papel da escola e do professor ganham destaque no discurso. A escola seria “lugar de formalização do conhecimento, segundo o padrão culto, sim, senhor!” e o professor lá estaria “para lembrar que a norma culta existe, que ela é importante, que, à diferença de servir à discriminação, é uma corretora de diferenças e de desigualdades” (AZEVEDO, 2011b). Nesse ponto, a grande temporalidade é marcada na relação entre este enunciado, sustentado pelo que Paulo Freire denominou de *concepção bancária de educação*, em contraposição a uma *concepção problematizadora e libertadora da educação* (FREIRE, 1997) - um “bobajol formidável”, nas palavras do jornalista:

Nem Paulo Freire ousou tanto na estupidez militante. Ele foi o criador de um método de alfabetização de adultos que se pretendia revolucionário. A partir do chamado “universo do educando”, de uma palavra que remetesse a um objeto ou realidade que fizesse parte do seu cotidiano, iniciava-se a alfabetização, que corresponderia, na verdade, a um processo de conscientização política que conduziria à libertação. Libertação do quê? De muita coisa, mas basicamente da tirania do capital.

Tratava-se um “bobajol” formidável, mas se diga uma coisa ao menos em defesa de Paulo Freire: sempre defendeu o uso da

norma culta. Naqueles bons tempos, as esquerdas ao menos acreditavam na alfabetização do povo - para fazer revolução, claro!, mas acreditavam (AZEVEDO, 2011b).

Assim, mais uma vez a voz do outro é evocada para reforçar o sentido que se pretende no discurso, minimizando aquilo que se pretende apagar (no caso, a educação como lugar de conscientização política) e maximizando o que depõe a favor do argumento que se pretende sustentar (a defesa da norma culta).

A citação literal da palavra alheia, no entanto, foi o que mais nos chamou atenção. Em vários momentos o autor parece dialogar (no sentido estrito do termo), com seus “interlocutores”. A princípio, ele cita – literalmente - trechos da entrevista de Heloísa Ramos, uma das autoras do livro didático em questão, respondendo a eles imediatamente após a citação. Com isso, tem-se a impressão de que o diálogo se dá, efetivamente, em uma troca subsequente de turnos.

Esse capítulo é mais de introdução do que de ensino. Para que ensinar o que todo mundo já sabe?” Boa pergunta, minha senhora! Pra que ensinar alguém a falar errado se todo mundo já sabe fazê-lo por conta própria, não é mesmo?

[...]Diga aí, professora: quando é que o erro é mais adequado do que o acerto? (AZEVEDO, 2011b, grifo do autor)

A autora fica macaqueando a suposta língua do povo para demonstrar o respeito que teria pela cultura e pela verdade populares, mas, quando contestada, sobe na torre de marfim e grita: “Não me toquem! Eu sou especialista!”.

Conhece, professora Heloísa, a expressão bem popular “Uma Ova!?” Então... Uma ova! Vai ter de se explicar, sim! Eu continuo esperando que a valente me diga em que situação o erro é mais adequado do que o acerto. **Seu livro** sustenta essa possibilidade (AZEVEDO, 2011e, grifo nosso).

Em outro texto, o autor faz o mesmo quando comenta uma entrevista do professor Fiorin.

Professor Fiorin, ensine primeiro o aluno a desenhar um touro. Depois **o senhor ensina** como decompor o touro, até que ele vire um genial garrancho de Picasso (AZEVEDO, 2011f, grifo nosso).

Nesses trechos a palavra do outro é entrecortada pelos comentários do autor. Ela, na verdade, parece ser citada apenas como pretexto para a resposta. No entanto, o mesmo não acontece quando Azevedo cita a entrevista de Evanildo Bechara (AZEVEDO, 2011g). O recorte selecionado é colocado sem que haja a interferência do autor em comentários sobre o mesmo, como se as palavras de Bechara fossem, agora, incorporadas às de Azevedo. Fica claro, nesse caso, que a citação na íntegra e sem interferências aponta para a valoração positiva da palavra do outro, uma espécie de respeito à autoridade que lhe é conferida, ao contrário da citação entrecortada, que parece desautorizar (ou valorar negativamente) o dizer. Transcrevemos a seguir o parágrafo anterior e o posterior à citação literal da entrevista de Bechara, reproduzida por Azevedo sem interrupção alguma.

Eu não sou especialista, a cachorrada tem razão. Mas Evanildo Bechara é um dos — se não for “o” — mais respeitados do país. Ele concede uma elucidativa entrevista a Roberta de Abreu Lima nas Páginas Amarelas da VEJA desta semana. Reproduzo um trecho. Parece que este não especialista (euzinho!) andou emitindo algumas opiniões suficientemente informadas a respeito. Leiam. Volto depois.

[...]

[Transcrição literal de um trecho da entrevista de Evanildo Bechara, divulgado na revista Veja]

[...]

Voltei Quem me lê sabe que encontrou tais pontos de vista expressos aqui. Eu me sinto perfeitamente bem na companhia de Bechara — membro da comissão que cuidou da última reforma da língua portuguesa, diga-se, da qual discordei. Ainda não aderi. Quando for obrigatório, cumpro a lei. Mas ele é, de fato, um especialista, um estudioso (AZEVEDO, 2011g).

Ao apresentar Bechara, o jornalista qualifica seu dizer, com as expressões “é um dos – se não ‘o’- mais respeitados do país” e “ele é, de fato, um especialista, um estudioso”. Não se trata, no entanto, apenas de demarcar essa autoridade nas expressões, mas também na própria sintaxe do discurso: a citação, como dissemos, é feita sem interrupções e o jornalista não a replica, como fez com as demais.

A esse respeito, Bakhtin e Voloshinov (1992) pontuam:

Quanto mais dogmática for a palavra, menos a apreensão apreciativa admitirá a passagem do verdadeiro ao falso, do bem ao mal, e mais impessoais serão as formas de transmissão do discurso de outrem (p. 153).

É interessante notar, ainda, como é feita outra citação – desta vez, o comentário de um leitor que levanta o argumento do preconceito linguístico.

Alguns bobalhões, achando que sou do tipo que se intimida com o fácil falar difícil, vêm me “informar” — vontade de gargalhar! — sobre os modernos estudos da “sociolinguística” (a minha ainda com trema), que eu teria ignorado no meu comentário. Essa gente vive na bolha de plástico de certos grupelhos universitários e está convicta de que, de fato, conhece o mundo. Quem não partilha de sua mesma loucura estaria desinformado. **Qual é, anes?** Conheço muito bem esse debate. Não tentem misturar as estações.

[...] Um certo Jair afirma: “O autor [eu!!!] deveria, antes de sair enaltecendo a norma culta, perceber quantas vezes deixa de dizer os ‘s’ nos plurais ou os ‘r’ nos verbos no infinitivo, para ver como funciona isso de ‘falar errado’. Mais: preconceito deste tipo é, para mim, tão detestável quanto o racial ou o de gênero.” Coitado do Jair — ou coitados dos alunos do Jair! Ele não entendeu nada! (AZEVEDO, 2011c, grifo nosso).

Nesse trecho, o que nos chama a atenção é o fato de que, embora haja a citação literal do comentário do leitor, a resposta do autor não se apresenta como um turno subsequente, mas ela é antecipada. É como se o autor respondesse ao trecho citado antes de fazer a citação

e, em seguida, tecesse um comentário sobre o dizer. O mesmo não ocorre com os demais trechos. No texto de Azevedo, há uma tentativa de silenciamento do discurso do leitor antes mesmo de sua retomada. Podemos dizer que a antecipação da resposta provoca, ao final, apenas a depreciação da enunciação.

Vemos, com isso, que a discussão sobre o *preconceito linguístico* fez emergir discursos que se apoiavam na desautorização da fala do outro, no que se refere às variedades linguísticas, aos falantes que dela se utilizam como “único” (?) recurso para enunciar, aos acadêmicos, autores de livros didáticos e quaisquer outros que não se pronunciassem contrariamente à abordagem do tema pelo livro didático.

Ressaltamos mais uma vez que os textos aqui selecionados, longe de serem resultado de uma produção “individual” do sujeito, trazem consigo o eco das vozes sociais que o constituem, e a demarcação ideológica orienta também a sintaxe do discurso no que se refere à citação da palavra do outro.

6 Conclusão

Nossa intenção com este artigo foi, a partir da polêmica sobre variação e preconceito linguístico que se instaurou no cenário brasileiro no ano de 2011, propor uma reflexão sobre a relação entre língua e poder nos discursos veiculadas pela mídia escrita acerca do tema.

Nos textos selecionados para análise observou-se que o embate travado entre aqueles que defendiam a “norma culta” e os que, na visão destes, estavam destruindo-a, orientou a sintaxe do discurso no que diz respeito à citação de palavra do outro. Nesse sentido, essa palavra de outrem era invocada como pretexto para enunciar, e a citação literal e a paráfrase tornavam-se recursos para a depreciação do dito e a desautorização do dizer.

Com isso, a discussão sobre preconceito linguístico, inserida no livro didático *Por uma vida melhor* (RAMOS, 2009), suscitou discursos

onde a tentativa de silenciamento, isto é, a desqualificação da palavra de outrem, revelava justamente esse preconceito. Na citação, que carrega a marca explícita da alteridade, *eu* e *outro* não se confundem, ainda que as palavras de outrem sejam incorporadas ao discurso. As significações, construídas na relação entre os discursos, incluíam a aceção de outros sentidos aos mesmos termos.

Acreditamos que essa sintaxe observada no gênero artigo de opinião, no que se refere à retomada da palavra do outro e à tentativa de silenciamento dessa palavra, não se restrinja a ele, podendo ocorrer, de forma diferente, em outros gêneros. Faz-se necessário, então, que as questões aqui levantadas sejam investigadas em outros *corpus*, já que nos textos de opinião a questão do estilo está fortemente presente e, segundo Bakhtin (2006, p. 266), “o estilo integra a unidade do gênero do enunciado como elemento”.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, R. **O “pobrismo” é um fascismo! Ou: o livro que tenta destruir a Língua Portuguesa. Com apoio do MEC!** Blog Reinaldo Azevedo, 2011a. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/o-%E2%80%9Cpobrismo%E2%80%9D-e-um-fascismo-ou-o-livro-que-tenta-destruir-a-lingua-portuguesa/>> Acesso em 01 dez 2011.

AZEVEDO, R. **Livro didático faz a apologia do erro: exponho a essência da picaretagem teórica e da malvadeza dessa gente.** Blog Reinaldo Azevedo, 2011b. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/livro-didatico-faz-a-apologia-do-erro-exponho-a-essencia-da-picaretagem-teorica-e-da-malvadeza-dessa-gente/>> Acesso em 01 dez 2011.

AZEVEDO, R. **Eles odeiam é a civilização!** Blog Reinaldo Azevedo, 2011c. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/eles-odeiam-e-a-civilizacao/>> Acesso em 01 dez 2011.

AZEVEDO, R. **Haddad comanda o Ministério da Boçalidade Arrogante e da Delinquência Intelectual.** Blog Reinaldo Azevedo, 2011d. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/>

[geral/haddad-comanda-o-ministerio-da-bocalidade-e-da-delinquencia-intelectual/](#)> Acesso em 01 dez 2011.

AZEVEDO, R. **Falar errado para não ficar com fama de bicha!** Blog Reinaldo Azevedo, 2011e. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/falar-errado-para-nao-ficar-com-fama-de-bicha/>> Acesso em 01 dez 2011.

AZEVEDO, R. **O livro dos erros - Tio Rei desanca um lingüista importantíssimo da USP; e só não desenha porque deixou a tarefa para Picasso.** Divirtam-se! Blog Reinaldo Azevedo, 2011f. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/o-livro-dos-erros-tio-rei-desanca-um-linguista-importantissimo-da-usp-e-so-nao-desenha-porque-deixou-a-tarefa-para-picasso-divirtam-se/>> Acesso em 01 dez 2011.

AZEVEDO, R. **Ontem, desanquei um acadêmico; hoje, aplaudo um outro.** Blog Reinaldo Azevedo, 2011g. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/haddad-explica-por-que-prefere-o-modo-stalin-de-matar-ao-modo-hitler/>> Acesso em 01 dez 2011.

AZEVEDO, R. **Haddad explica por que prefere o modo Stálin de matar ao modo Hitler.** Blog Reinaldo Azevedo, 2011h. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/falar-errado-para-nao-ficar-com-fama-de-bicha/>> Acesso em 01 dez 2011.

BAGNO, M. **Preconceito linguístico – o que é, como se faz.** São Paulo: Edições Loyola, 1999.

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal.** São Paulo: Martins Fontes, 2006

BAKHTIN, M. M.; MEDVEDEV, P. N. **The formal method in literary scholarship: a critical introduction to sociological poetics.** Trad. A. J. Wehrle. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1991.

BAKHTIN, M. M.; VOLOSHINOV, M. **Marxismo e filosofia da linguagem:** problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Hucitec, 1992.

BAKHTIN, M. M.; VOLOSHINOV, M. Le discours dans la vie et le discours dans le poésie. Contribution à une poétique sociologique. In: TODOROV, T. (1981). **Mikhaïl Bakhtine, le prince dialogique.** Paris: Seuil. p. 181-216.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: lingual portuguesa/** Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998.

COELHO, P. M. C. R. **O tratamento da variação linguística no livro didático de português.** Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

FARACO, C. A. Norma-padrão brasileira: desembaraçando alguns nós. In: **Linguística da Norma.** BAGNO, M.; RODRIGUES, A. D. (Org.). São Paulo: Edições Loyola, 2002, p. 37-61.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido.** 24ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

MENDONÇA, M. C. A luta pelo direito de dizer a língua: a linguística e o purismo linguístico na passagem do século XX para o século XXI. In: **Sínteses – Revista dos Cursos de Pós-Graduação**, v. 12, 2007, p. 183-193. Disponível em: <http://www.cedae.iel.unicamp.br/revista/index.php/sinteses/article/view/208> Acesso em: 05 dez 2011.

RAMOS, H. (Org.) **Por uma vida melhor:** Educação de Jovens e Adultos: segundo segmento do ensino fundamental, vol. 2. -1 edição – São Paulo: Global: Ação Educativa, 2009. – (Coleção Viver e Aprender)

SCHERRE, M. M. **Reanálise da concordância nominal em português.** Tese (doutorado). Rio de Janeiro: UFRJ, 1988.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. Mudança sem mudança: a concordância de número no português brasileiro. In: **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 9, n. 18, p. 107-129, 1º sem. 2006.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. Sobre a concordância de número no português falado do Brasil. In: **RUFFINO, GIOVANNI (Org.). Dialettologia, geolinguística, sociolinguística.** (Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza) Centro di Studi Filologici e Linguistici Siciliani, Università di Palermo. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 5, p. 509- 523, 1998.

Recebido em setembro de 2012.

Aprovado em dezembro de 2012.

SOBRE AS AUTORAS

ROSÂNGELA NOGARINI HILÁRIO é doutoranda no programa de pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa da UNESP/FCLAr. É pesquisadora na área de Aquisição de Linguagem e o foco de sua pesquisa é a aquisição da marca de plural pela criança brasileira e a influência da variação linguística nessa aquisição, buscando refletir sobre questões de aquisição da linguagem a partir dos estudos de Bakhtin e do Círculo.

E-mail: ronogarini@yahoo.com.br

MARINA CÉLIA MENDONÇA é doutora em Linguística pela UNICAMP (Campinas-SP), na área da Análise do Discurso. A tese defendida tem por tema o discurso da Linguística em confronto com o purismo linguístico na mídia brasileira do final do século XX. Mestre em Linguística também pela UNICAMP - a dissertação de mestrado, desenvolvida na área da Análise do Discurso, tematiza o silenciamento de sentidos em atividades didáticas de leitura. É professora e pesquisadora do Departamento de Linguística da UNESP (FCL/Cararaquara-SP), onde atua na graduação e pós-graduação na área da Análise do Discurso, com ênfase nos estudos bakhtinianos do discurso.

E-mail: marinamendonca@fclar.unesp.br

ALESSANDRA DEL RÉ doutora em Linguística pela Universidade de São Paulo (USP), onde realizou também o mestrado em Linguística. Realizou parte de seu doutoramento na França, na Université René Descartes (Sorbonne/Paris V), e desenvolveu (2008-2009) uma pesquisa de Pós-Doutorado na Université Paris X/MoDyCo/COLAJE. Desde 2004, é docente do Departamento de Linguística da Faculdade de Ciências e Letras, UNESP. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Aquisição da Linguagem, atuando principalmente nos seguintes temas: aquisição de língua oral, humor infantil, argumentação.

E-mail: aledelre@fclar.unesp.br